

**ANIMAL TROPICAL** O escritor: retrato cortante da vida em Cuba

# DESEJOS CASTRADOS

Em seu novo romance, o cubano Pedro Juan Gutiérrez se vale da crueza contundente de hábito para narrar a experiência devastadora de ser homossexual sob a ditadura comunista de Fidel Castro – um regime em que não há lugar para a redenção individual **CRISTOVÃO TEZZA**



---

“QUERO ESCREVER de um modo tão natural que nem pareça literatura.” Com essa miragem irresistível na cabeça, o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez, de 66 anos, construiu uma obra romanesca impactante — e que é também um retrato das violentas transformações de Cuba desde que a revolução de Fidel Castro, no afã de implantar o primeiro governo comunista das Américas, reduziu a ilha a uma *tabula rasa* econômica, política e cultural. Substancialmente prosador, mas também poeta, ensaísta e pintor, Gutiérrez abre uma janela ampla que nos permite vislumbrar detalhes concretos da vida privada sob o manto do regime cubano. Em livros como *Trilogia Suja de*

**Filho de um sorveteiro,  
Gutiérrez ainda criança  
viu nascer o dia, até hoje  
sem volta, em que todos  
os cubanos “foram  
igualados por baixo”**

*Havana* ou *Animal Tropical*, ele criou uma cosmogonia pessoal centrada no mistério a um tempo redentor e escravizante do sexo, narrado em cenas cruas. Sua prosa é direta e cortante, sem nenhuma afetação de transcendência poética ou formal, e a força transgressora de seu texto parece derivar de uma sinceridade bruta, expressa na aparente ausência de estilo. Sua literatura, de raiz naturalista, nasce da investigação sem condescendência de sua própria experiência, revivida pelo detalhe da observação mais seca.

Em *Fabián e o Caos*, seu novo livro, transparece mais uma vez esse caráter documental: é um depoimento ficcional precioso de quem viveu o que narra. Filho de um sorveteiro, Gutiérrez ainda criança viu nascer o dia, até hoje sem volta, em que todos os cubanos “foram igualados por baixo”. “Agora, todo mundo era pobre de verdade. Em todos os sentidos”, escreve. O tema do livro não é diretamente político, mas um dos tabus cotidianos da ditadura cubana, a homossexualidade — que, embora não proibida oficialmente, não tem lugar na utopia

---

obrigatória do Estado. Baseado no caso real de um amigo de infância de Gutiérrez, o romance acompanha uma vida esmagada num meio social do qual não se escapava nem por uma saída extrema, pois “até mesmo suicidar-se era um delito grave”. No ideário da “construção do novo homem” das revoluções sangrentas do século XX, o conceito de suicídio não podia existir.

O eixo narrativo é Fabián, filho temporão de um casal de espanhóis pobres que havia emigrado para Cuba nos anos 1920. A mãe, Lucía, uma pianista amadora sem vida própria, tinha como única alegria tocar antigas músicas infantis para as crianças da escola. O pai, Felipe, era uma figura mesquinha, afetivamente gelada, que trabalhava duro na camisaria do tio, enquanto estocava em segredo notas de pesos, sonhando com a redenção da velhice — fortuna que vai desaparecer de um sopro com a revolução. Entre eles, crescia Fabián, uma criança solitária com visível talento musical e que, na adolescência, frequentando o conservatório, já em pleno regime comunista, se sente

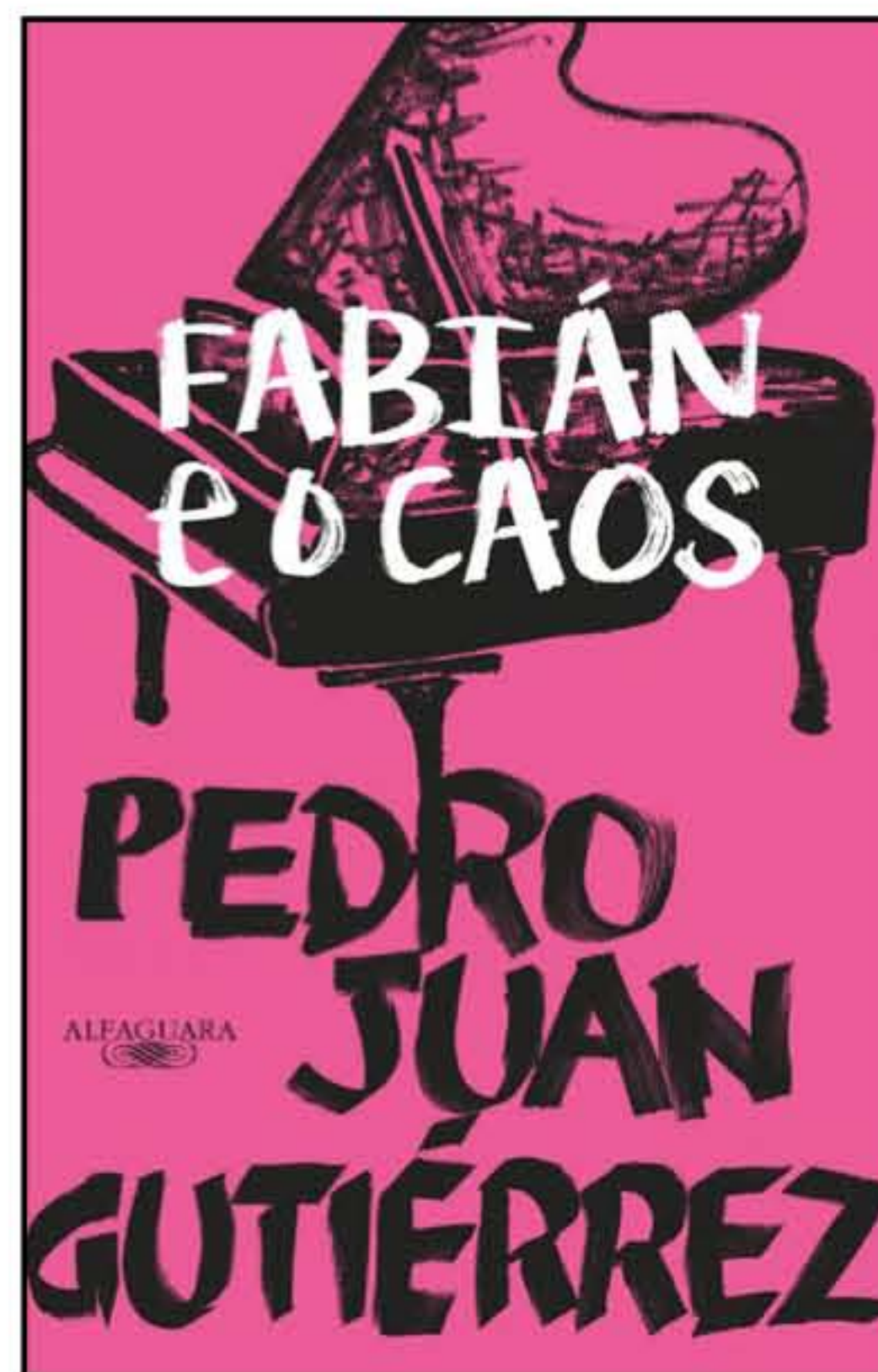
com uma perigosa inclinação ho-  
moerótica. É uma tragédia anun-  
ciada que o romance trata com  
uma crueza que passa longe do  
sentimentalismo — o pessimismo  
instintivo de Gutiérrez, o seu faro  
para a realidade miúda que afinal  
faz a vida, não glamoriza nada.  
Quando o pai sofre um ataque e  
fica inválido, arrastando-se aos  
resmungos pela casa em ruínas,  
Fabián não hesita em largá-lo  
num asilo, onde morrerá — e, em  
seguida, a morte da mãe, seu  
único ponto de afeto, é narrada  
com dura frieza.

Companheiro de geração de Fa-  
bián, mas vivendo experiências  
distintas, Juan Pablo, o persona-  
gem-narrador, relata em capítu-  
los alternados sua formação de  
juventude, quando ele começava  
a construir “um pequeno mundo  
pessoal, afastado da grande cor-  
rente caótica em que o país se  
transformava”. Através dele, sen-  
timos reverberar, perdidos na ci-  
dade cubana de Matanzas, o es-  
pírito do tempo e a virada cultu-  
ral — esta, sim, verdadeiramente  
revolucionária — que se propaga-  
va pelo mundo nos anos 1960,  
unindo no mesmo fio explosivo

as revoltas nas ditaduras do Leste Europeu com a performance libertária do movimento beat ocidental: “Meus inimigos eram a família, o governo, a religião. Nessa ordem”. Para alguém “sempre do contra”, o apelo da implantação patriótica e regressiva de um arcaico Estado soviético-stalinista, sustentado por uma rede de burocratas (ou estúpidos ou corruptos), era zero.

A história avança pelo jogo de oposição entre o anárquico e violento machista Juan Pablo, insaciável conquistador de mulheres, e o depressivo, frágil e medroso Fabián, consumindo-se na sombra de seu desejo reprimido. São figuras antagônicas que se cruzam em vários momentos do romance como duas faces de um mesmo inferno pessoal, tentando respirar num país inviável. O contraste também é o toque sutil do livro, a delicadeza possível que emerge, como torta poesia, de sua brutalidade. Expulso do conservatório, em um dos muitos expurgos moralizantes do regime, Fabián abandona completamente a música, e é obrigado a “reeducar-se” numa

fábrica de carne enlatada — ele “não cumpria os parâmetros para trabalhar em cultura”. A fábrica, onde revê o amigo, enquadrado por “vagabundagem”, é um antro de porcos, sangue, excrementos, assédio, violência e estupidez, metáfora de uma existência devastada que, mesmo no limite extremo, tenta encontrar na própria degradação alguma sombra redentora. ■



**FABIÁN E O CAOS,**  
de Pedro Juan Gutiérrez  
(tradução de Paulina Wacht  
e Ari Roitman; Alfaguara;  
200 páginas; 44,90 reais e  
30,90 reais na versão digital)

